

O CURRÍCULO PRATICADO NA EFETIVAÇÃO DE UM CURSO DE PEDAGOGIA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DE MATO GROSSO DO SUL: entre a construção da identidade docente e a emancipação

Lucrécia Stringhetta Mello - UFMS/CPTL (MS).
lsmello@ceul.ufms.br

Resumo: Apresentamos um estudo do curso de Pedagogia (EAD-UFMS), modalidade semi-presencial, sua representação na vida cotidiana dos alunos mediante o trabalho pedagógico e identidade profissional relacionada ao currículo vivenciado. Durante quatro anos, acompanhamos o processo de efetivação em quatro cidades do interior de Mato Grosso do Sul na condição de professora e pesquisadora. Por meio de memoriais produzidos junto às turmas iniciais, questionários, entrevistas aplicadas pelas orientandas de iniciação científicas nos anos subseqüentes compilamos dados sendo escolhidas categorias explicativas na consecução dos objetivos desejados. Os memoriais mostraram-se instrumentos efetivos para conscientização dos saberes e não saberes com os quais os acadêmicos chegaram ao curso e sinalizaram os avanços no processo curricular vivenciado. Os demais instrumentos mostram o perfil, dificuldades, conhecimento alcançado, bem como, os desafios que o uso da tecnologia acarretou.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professor; educação a distância; tecnologia educacional; processo identitário.

Introdução

A formação de professores na modalidade a distância apresenta uma característica peculiar tendo em vista as condições em que ocorre e para a população a que se destina. Para que a formação esperada alcance resultados, várias dimensões devem ser consideradas e, entre elas destacamos o projeto pedagógico, a administração acadêmica e coordenação do colegiado que articulam as atividades acadêmicas ligadas à formação. Os grupos envolvidos sejam discentes, docentes ou técnicos administrativos devem estar sintonizados para garantir o desenvolvimento das competências, e habilidades traçadas no perfil do egresso tal como foram concebidos no projeto de curso. Outra dimensão trata da infra-estrutura física, especialmente os recursos de informação e comunicação, a biblioteca que facilitam o ensino e a pesquisa, sendo indicadores da organização didático-pedagógica.

No ano de 2001 a UFMS foi credenciada para o oferecimento de cursos de graduação e pós-graduação a distância e para isso apresentou o curso de Pedagogia-Licenciatura habilitação em formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental e o curso de pós-graduação *lato-sensu* “Orientação Pedagógica em Educação a Distância” como plano de interiorização do ensino superior expansão das universidades públicas. Este último, de pós-graduação foi oferecido também para capacitação de tutores dos cursos oferecidos na modalidade

de educação a distância. No que tange ao curso de pedagogia, inicialmente foi credenciado o Pólo de Bela Vista, a seguir houve a solicitação dos municípios de Coronel de Sapucaia, Camapuã e São Gabriel do Oeste, visando capacitação de seus professores. A UFMS, para atendê-las, aprovou o aumento de vagas, passando de oitenta para quatrocentas vagas anuais. Atualmente possui parceria para o oferecimento de curso de pedagogia nos municípios de Água Clara, Camapuã, Paranhos, Rio Brilhante e São Gabriel do Oeste. (Projeto. Pedagógico, 2006).

Ao propor o curso de formação a distância, a universidade atinge uma parcela da população excluída dos cursos superiores, uma exclusão que muitas vezes se dá pela falta de instituições que oferecem cursos de nível superior no município ou na região onde os interessados residem, bem como a falta de condições para o deslocamento para os outros centros. Desta forma a iniciativa atende os princípios da Lei n 9.394/1996, em seu artigo 62 que define a formação dos profissionais para atuar na educação básica deverá ser feita em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena.

O projeto pedagógico do curso que analisamos caracteriza-se pela modalidade semipresencial, onde há mecanismos de interação que possibilitam a formação de coletivos de alunos em encontros presenciais onde os mesmos têm contato direto com professores e por meio do uso de tecnologias disponíveis, materiais instrucionais os acadêmicos devem desenvolver conhecimentos.

Semelhante ao que ocorre em outros campos do conhecimento, em que se avança por meio de análises e fragmentação da realidade este artigo limita o universo de estudo ao processo de formação de profissionais de educação da forma que foi instalado e implementado o projeto de EAD/UFMS/curso de pedagogia. O que propomos trazer para discussão são dados obtidos no acompanhamento de quatro turmas de acadêmicos, aos quais várias “leituras” são apresentadas e necessárias para obter a formação. O currículo em ação supõe intermediação com as infinitas possibilidades que cada modalidade de “leitura” conduz, ou seja, entre módulos de atividades disciplinares do curso, o aluno/professor é chamado a ler sozinho um texto, a preparar uma atividade coletiva (seminário, discussão, apresentação de trabalho), a ouvir uma aula presencial, a pesquisar na internet, a elaborar um texto e até mesmo elaborar um trabalho final de conclusão de curso.

Compreender um universo como ele é não é julgá-lo ou compará-lo a um outro. “Isso supõe, de preferência, que seja observado de seu interior; tanto do interior de quem pesquisa, verificando a familiaridade com o tema, a maneira como se relaciona em sua área de atuação, como também do interior do universo a ser pesquisado” (MELLO, 2004, p.40). Está aí a natureza deste trabalho, estudar a prática do vivido, de grupos, no caso; o grupo circunscrito a quatro cidades onde participei como docente do curso de pedagogia: Pólo de São Gabriel do Oeste, Camapuã, Rio Brilhante e Água Clara. As informações tomadas a partir do método de resgate da memória foram evoluindo com as anotações das conversas, impressões, enriquecidas posteriormente com questionários e a análise de documentos.

Destacamos quatro aspectos que convergem e potencializam o sucesso ou não dessa modalidade de curso: a natureza das teorias nos processos de formação que se apresentam infecundas tecendo plano sobre a realidade sem conseguir penetrá-la, ou sequer compreendê-la, uma forte fragmentação ou parcelamento do conhecimento evidenciados nas disciplinas dispersas do curso, o artefato didático pedagógico que instrumentaliza os meios para a aprendizagem e os sujeitos do processo, em seu contexto histórico, social, econômico e educacional.

A experiência no curso: entre a construção da identidade docente e a emancipação

Não se pode negar o peso de um bom projeto de curso para o alcance dos objetivos de formação, como também é inegável a tendência desagregadora na formação de professores encontrada na fragmentação disciplinar do conhecimento, por mais que se esforcem os curriculistas em estratégias interdisciplinares, multidisciplinares ou transdisciplinares. Enfim, todos os elementos constituídos têm sua vez e podem ser referenciados. O que queremos destacar é a população que “faz” ou “fez” o curso, os impactos deste processo na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos, se têm levado ao seu conhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria de suas capacidades cognitivas, raciocínio, memória, representação mental e percepção reforçada pela capacidade de acesso às tecnologias.

A partir do conhecimento das linguagens das mídias, o aluno tem possibilidades de participação em um mundo de relações que ultrapassem sua interação com os recursos tecnológicos possibilitando-lhe a afinidade com professor e ambos com o saber popular e/ou científicos veiculados por diferentes mídias; desde as tradicionais (livros, revistas, periódicos) até os mais atuais (vídeos, televisão e *internet*). Preti, ao tratar de formação de professores no ensino a distância para o uso das tecnologias, afirma que:

[...] Não podemos fechar os olhos aos progressos e avanços das novas tecnologias ou permanecer extasiados a sua frente. Temos o dever de conhecer as tecnologias, entrar no seu interior, na sua lógica para que as utilizemos no sentido de alcançar nossos fins, realizar nossos projetos.(2000, p.36).

Segundo Növoa (1997), o sistema educacional passa por graves crises relacionadas à precária formação acadêmica de professores que se reflete no dia-a-dia da sala de aula criando profissionais inseguros, insatisfeitos e que se limitam apenas ao uso dos livros didáticos oferecidos e desenvolvem uma mecânica característica e acomodada.

Desta forma, precisamos perceber a identidade pessoal e profissional como sendo reflexo da história de vida, entendendo que a formação do profissional em educação deve ser pensada e objetivada como um eterno processo; que

fundamentalmente os profissionais em educação são essenciais por participarem da formação de seus alunos ao levarem-nos à construção dos conhecimentos para a conquista da cidadania; além de construírem uma maneira própria de atuar na educação. “A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneira de ser e estar na profissão” (ibid, 1995, p.16).

Por isso, quando se “lê” as novas formas culturais gestadas na indústria cultural das massas, constata-se devido às velozes transformações tecnológicas na qual a sociedade enfrenta, que o modelo tradicional de educação já não acompanha as exigências sociais, novos ritmos e dimensões quanto à tarefa de ensinar e aprender no que tange ao acompanhamento do novo modelo de sociedade, a chamada “sociedade do conhecimento”.

Com o progresso dos recursos midiáticos surgem novos campos para a educação que antes era vista apenas em seu modelo tradicional com aulas presenciais hoje devido aos avanços tecnológicos pode ser praticada de outra maneira, ou melhor, à distância, como qualquer outro curso, mas para isso requerem de seus alunos e professores, habilidade e empenho para lidar com os recursos eletrônicos (computadores) que são ferramentas importantíssimas para essa modalidade de ensino.

Vale ressaltar também que as tecnologias não são apenas importantes no ensino a distância, pois mesmo nas aulas presenciais o docente também necessita aprender a gerenciar outros espaços e integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora fazendo sempre a reflexão sobre as seguintes questões: que espaço conceber as tecnologias, quando não se visa ensiná-las como tal? Serão usadas apenas como mais um instrumento de trabalho como o quadro negro? Espera-se de seu uso uma forma de familiarização a outros contextos?

No caso dos alunos que cursam pedagogia a distância, a importância em saber utilizar as tecnologias é duplicada, uma vez que além de a terem como aliada para realizarem atividades deixadas pelos professores e entrarem em contato com os mesmos, precisarão estar aptos para fazer uso delas. As tecnologias estão cada vez mais presentes no contexto escolar, e num futuro não muito distante estarão impregnadas no currículo escolar.

Segundo Moran para trabalhar dentro de um novo paradigma de educação é preciso: “[...] de professores bem preparados, motivados, bem remunerados e com formação pedagógica atualizada” (2004, p. 247). Para o autor, formar docentes aptos a atuarem dentro de um novo modelo de educação é necessário que os cursos de graduação ampliem o conceito de integração, reflexão e ação, assim como associar teoria à prática.

Enquanto que para Penteado, um novo paradigma de educação requer do profissional, conhecimento de novas formas de atuar em sala de aula compatível com o agir comunicacional no qual requer disponibilidade pessoal para rever seus projetos e mudá-los para atuar dentro de uma nova prática. Implica em “[...] desinstalar modos de ser já arraigados e até automatizados e dos quais só tomamos consciência quando propomos novos procedimentos”. (1998, p.14)

Educar para sociedade do conhecimento supõe o desenvolvimento de competências para ensinar: prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe, autonomia e responsabilidade crescente além de uma pedagogia diferenciada que ofereça novas formas de aprendizagem com as tecnologias. Como afirma Perrenoud:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e análise de textos e de imagens e representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (2000, p.128).

Para Cortelazzo (2004) o surgimento de uma nova forma de ensino só ocorrerá a partir do momento em que professores, governo e pais se conscientizarem da importância da preparação para uma nova sociedade, já que a escola é constituída de cidadãos alunos e cidadãos professores e estes também estão em meio a uma série de recursos eletrônicos.

Antigamente quando se ouvia falar em tecnologia como instrumento didático era considerado absurdo, com o passar do tempo navegar na *Internet*, usar Word, softwares foi se tornando atividades cotidianas na qual a sociedade foi se adaptando a esses programas virtuais e hoje fazem parte do dia-a-dia de muitas pessoas. No futuro novos recursos eletrônicos surgirão e estes, citados anteriormente, serão ultrapassados por outros mais atualizados. Constatamos, portanto, que se a escola ignorar estes fatores e, não trabalhar dentro de um novo modelo ficará alienada a informatização e formará cidadãos a margem da sociedade moderna.

A mudança é um problema que a educação deve assumir em toda sua amplitude. Sem dúvida, as tecnologias representam novas formas de saber e um desafio. Nesta visão prospectiva cabe saber como agem os jovens e adultos mediante o complexo mundo da informação e quais os desafios por eles enfrentados ao matricular-se num curso de EAD.

Essa questão nos levou a resgatar com eles sua história de vida, especialmente a reconstrução de sua escolaridade. Optamos pelo memorial. O autoconhecimento - invariavelmente uma construção, como diz Castells, “não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros” é um conjunto de atributos culturais inter-relacionados sobre os quais prevalecem outras fontes de significados. (2002, p. 22).

Partimos do princípio de uma “identidade” cuja fonte de significado estava sendo construída a partir das individualidades mas, a experiência coletiva vivenciada na ação formadora dava um novo significado simbólico e os aproximava como “identidade coletiva”.

Ao mostrar e ao encobrir vivências umas e outras expõem os sujeitos a uma compreensão de seus vazios, desejos e projetos coletivos, uma vez que o rememorar não é só um processo inocente

e sem alto preço, nem muito menos linear e reproduzidor. As memórias e as narrações – coletivas e individuais são recortes e versões feitas nas múltiplas e infinitas possibilidades de combinações e implicam perspectivas em que do presente, os sujeitos redescobrem o ontem com os olhos do amanhã. (LINHARES, 1999, p.36).

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída. A principal questão diz respeito ao como, a partir do que e para que isso acontece.

Na busca do significado e de representação do curso em questão, por seus componentes é que nos propomos a elaboração dos memoriais com os acadêmicos, especialmente, dirigindo a escritura das histórias de vida na disciplina de “História da Educação”.

Uma investigação qualitativa estuda o fenômeno em seu ambiente natural na qual é sua fonte de dados, preservando a complexidade do comportamento humano, envolve o ouvir o que as pessoas têm a nos dizer sobre suas idéias.(CHIZZOTTI, 1998).

De posse das informações obtidas nos memoriais e formulários pudemos dar continuidade a nossa proposta de trabalho analisando, interpretando e refletindo sobre o tema identidade e como os alunos da EAD interagem com os meios tecnológicos, de modo a estarem surgindo novas exigências no contexto educacional e no perfil dos professores. Acreditamos, portanto, que ao escrever sua história de vida os acadêmicos articularão suas próprias compreensões do mundo, bem como, de sua própria prática e darão novos significados ao seu desenvolvimento pessoal e profissional.

De forma específica, empreendemos a leitura de memoriais na busca por compreensão sobre as possíveis características de identificação dos alunos do programa de Educação a Distância, pois, ao falar da identidade própria de um indivíduo, estamos reconhecendo nessa pessoa, alguém diferente das demais por possuir uma particularidade. Nesse sentido a identidade é entendida como caracterizante da pessoa e que inclui naturalmente seus gostos, preferências, sentimentos, opiniões que inferia a questão dos recursos tecnológicos.

O questionário foi um outro recurso utilizado para complementar as informações e levantar o perfil identitário dos acadêmicos.

Construímos posteriormente uma tabela para melhor organização e visualização dos dados contidos nos próprios memoriais tais como: sexo, idade, naturalidade, estado civil, trajetória escolar, dificuldades encontradas, avanços obtidos no curso, motivos que levaram à escolha do curso de Pedagogia, entre outros.

Percebemos que a proposta de identidade pessoal, perpassante pela da profissional, torna-se relevante justamente por subsidiar conhecimentos inerentes também aos futuros professores, ou seja, aos que atuam, atuaram ou atuarão na Educação.

Os municípios, foco desse trabalho, apresentam um contexto social e econômico semelhantes, contam com uma população variável entre quinze a vinte mil (15000 a 20000) habitantes. Com exceção de Água Clara, que apenas no ano de 2006, melhorou as condições de oferta de salas de aula, sendo que a biblioteca apresenta um acervo insipiente, os demais municípios possuem a infra-estrutura adequada à realização do curso. As aulas acontecem geralmente em uma escola municipal onde foram construídas ou disponibilizadas salas de aula, laboratório de informática, biblioteca e secretaria com objetivo específico para essa modalidade.

Os acadêmicos encontram-se na faixa etária dos alunos variável entre vinte e um (21) a cinquenta e sete (57) anos. Nota-se uma supremacia feminina, com 92% e apenas 8% são do sexo masculino.

Quanto à naturalidade dos alunos foi possível identificar que o número de pessoas naturais do estado de Mato Grosso do Sul é de cinqüenta e cinco (55) e desse total, quarenta e oito (48) nascidos nos respectivos municípios sendo que os demais migraram dos estados de Goiás, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

A maioria dos alunos realizou sua trajetória escolar na zona urbana e um número significativo na zona rural. Quase na sua totalidade, os acadêmicos estudaram em escolas públicas no ensino fundamental e médio demonstrando a identidade e categoria social de uma classe trabalhadora. Temos ainda alunos, variando entre sete a dez, que cursaram Educação de Jovens e Adultos (EJA), dezessete (17) fizeram o Magistério, um (01) Técnico em Contabilidade, dois (02) Supletivo e quatro (04) estudaram em escolas particulares (média por turma).

Em relação à atuação profissional constatamos que em média 50% de cada município comporta alunos atuantes ou que atuaram na área educacional nos cargos de Professor, Auxiliar de Secretaria Escolar e Inspetores de alunos.

Quanto à escolha do curso, uma média de 36% afirmaram que foi por estar atuando na área da educação, e necessidade de buscar novos conhecimentos para uma melhor atuação em sala de aula. A justificativa apresentada por 35% recaiu na oportunidade obtida, ou seja, falta de outra possibilidade, ressaltando que possuíam outras preferências profissionais, mas por diversos fatores não foi possível concretizá-las.

As expectativas são de que o curso possa proporcionar impactos positivos em sua formação, 64% justificaram que o curso possui um corpo docente muito bem preparado, por isso tem adquirido novos conhecimentos e melhorado sua prática como educador. Os informantes declararam que as maiores dificuldades encontradas no transcorrer do curso foram em relação à escrita, leitura e interpretação de textos: um total de 41%. Esse problema fica claro nos memoriais, uma vez que os próprios alunos reconhecem que a má formação prejudicou seu desenvolvimento intelectual, o acompanhamento das aulas e a interpretação dos textos.

[...] também tenho um pouco de dificuldade em estar lendo textos, não tenho hábito de ler – problema que começou desde o início do

meu processo de formação escolar. Na época eu não gostava de ler e ninguém me cobrou por isso. (aluna A).

Em Água Clara as dificuldades apontadas foram quanto à falta de laboratório de informática e biblioteca, com 46% da totalidade dos informantes.

Quanto aos benefícios que a tecnologia proporcionou na formação dos alunos/professores do curso, grande parcela, 66% dos alunos afirmaram que a tecnologia tem sido uma aliada na sua formação. Através dela, realizam atividades deixadas pelos professores como: digitação de trabalhos e pesquisas na Internet.

No que se refere à resistência ou não ao uso do computador, 41,5% declaram que já usavam o computador antes do curso, 9,2% não usavam e não usam. O não uso é explicado devido não possuir em casa sendo que 3,07% passaram a conhecê-lo durante o curso

Considerações finais

O estudo com os acadêmicos nos Pólos de Apoio municipais confirma a importância dessa modalidade formação para àqueles que não tiveram a oportunidade de cursar a licenciatura em nível superior, podendo fazê-lo em sua própria cidade, e nas condições oferecidas pela instituição (UFMS). A própria transformação na economia, a globalização e seus reflexos indicam quantos desafios estão postos no campo da educação e no exercício da profissão docente.

Ao tempo que, os alunos, reconhecem as dificuldades pessoais (escolaridade, leitura, escrita, tempo, trabalho), institucionais (estrutura física, laboratório, biblioteca) de acesso às informações (tecnologia, *Internet*, biblioteca), também contrapõem os avanços proporcionados em sua formação, nas mudanças ocasionadas em suas práticas docentes, nas relações interpessoais, na constituição de referências teóricas, e na vivência acadêmica.

Fica também evidenciado que, embora parte dos acadêmicos, venha utilizando a tecnologia como instrumento facilitador de seus estudos e obtenção de informações, tornando esse recurso um elemento essencial ao curso, uma grande parcela ainda resiste ao uso e manuseio da mídia. As razões para essa resistência, ora se explica pela falta de laboratório, ora por não possuir computador em sua casa ou mesmo pela não predisposição em romper com as barreiras do medo e da acomodação.

Entende-se que as dificuldades podem ser superadas, mas para isso, é preciso apoio institucional e esforço pessoal em estar se disposto a aprender no processo de formação. Além disso, cada aluno deve se propor a resgatar e reconstruir sua identidade docente, de modo que as crenças, os valores, representações latentes sobre aprendizagem, organização disciplinar do currículo, concepção de educação sejam revisitadas e novamente construídas.

Nesta perspectiva, somos levados a pensar sobre memória como dinamizadora da vida cotidiana por abranger peculiaridades individuais tais como: trajetória escolar, interesses, subjetividades, êxitos, fracassos, encontros e

reencontros temporais. O resgate da história de vida exerce papel importante na construção da identidade, justamente, por representar o sentimento de continuidade. Ela é ao mesmo tempo passado, presente e futuro.

Dessa forma, acreditamos ser importante conhecer a vida dos acadêmicos do curso de Pedagogia, uma vez que passamos por transformações diárias e por isso nos formamos a cada dia.

Referências

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores**: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, jan /jun 2002, vol.28.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CORTELAZZO, Iolanda B. C. Ambientes de Aprendizagem otimizados pela tecnologia educacional. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA; Sérgio R. (Orgs.). **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídia e tecnologias na educação**. Curitiba, PR: editora Universitária Champagnat; v. 2, 2004.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e princípio científico e educativo**. – 2 ed. – São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991. (Biblioteca de educação. Série 1. escola, v.14).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. Olho d'água. São Paulo: Cortez, 1998.

LINHARES, Célia. Memórias e Projetos do Magistério no Brasil. In: TRINDADE, Vitor; FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia (Orgs). **Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999.

MELLO, Lucrécia Stringhetta. **Pesquisa Interdisciplinar: um processo em construção**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

MORAN, José Manuel. Os Espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: JUNQUEIRA, Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio R. A (Orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídia e tecnologias na educação**. Curitiba-PR: editora Universitária Champagnat; v.2,2004.

MIRANDA, Carmen Lúcia Sales. **Identidade**: Síntese das múltiplas identificações. Taubaté: Cabral Editora Universitária. 1998.

NÓVOA, Antonio (Org). **Vida de professores**. Lisboa: Porto Editora, 25^a edição, 1995.

_____ **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicação Dom Quixote Instituto de inovação profissional, 3. ed. 1997.

PENTEADO, Heloisa Dupas (Orgs.). Pedagogia da comunicação: sujeitos comunicantes. In: PENTEADO, Heloisa. **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. São Paulo – SP: editora Cortez, 1998.

PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos-Porto Alegre-RS: editora Aramed, 2000.

PRETI, Oreste (Org). **Educação a Distância**: construindo significados. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT; Brasília: Plano, 2000.

SAUL, Ana Maria (Org). **Paulo Freire e a formação de educadores**: Múltiplos olhares. São Paulo: Editora Articulação Universidade / Escola, 2000.

SOARES, Suely Galli. **Arquitetura da identidade**: sobre educação, ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época); v.76.